

Avaliação das composições coreográficas de Ginástica Para Todos (GPT) com orientação pedagógica

Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo
jsperezgallardo@gmail.com

Ementa

Quando falamos de GPT com orientação pedagógica nos referimos a GPT que se realiza dentro do âmbito escolar e da comunidade. Esta GPT deve ter uma função teleológica que é facilitar a construção da cidadania soberana dos participantes: estudantes e membros da comunidade escolar. Levando em conta que a formação da cidadania soberana se estrutura dentro do espaço social, a avaliação deve ser coletiva.

Palavras chaves

Interação social; Socialização/Socialização; Formação Humana; Avaliação Coletiva

Introdução

No atual currículo de Educação Física identificamos práticas conservadoras como: a determinação de modalidades de cultura corporal da tradição euro-americana, cristã, branca e masculina (ginástica, futebol, handebol, basquete e vôlei, por exemplo). É negado o conhecimento dos alunos que apresentam outras formas de brincar, dançar, lutar, cantar, que se afastam das práticas conhecidas pelos professores. (Neira e Nunes, 2008).

Por isso, é possível ver na escola, apenas, algumas manifestações da cultura corporal e ainda na sua relação biológica e psicológica, com um tipo de avaliação individual. Isto é desconhecer a estruturação do ser humano. O ser humano para ser humano precisa do outro, daí que é fundamental aplicar uma avaliação grupal e, portanto, é necessário fazer com que o aluno seja parte do processo educativo, seja co-responsável de sua educação e da produção do conhecimento.

A Escola não é o espaço para o alto rendimento, as aulas de Educação Física, pelas suas características, apenas permitem um domínio conceitual das manifestações da cultura corporal, ficando limitadas a serem, somente, uma vivência. Vivência que é para alunos que não estão treinados, que não dispõem de tempo, nem de infraestrutura para desenvolver atividades no formato

competitivo. E, ainda mais, os professores não possuem os conhecimentos aprofundados de todas as diferentes manifestações da cultura corporal. Por tanto, o professor deve ser generalista

Um professor generalista deve ser capaz de criar metodologias que levem em conta as experiências dos alunos. Experiências, é claro, que se aproximem ao conteúdo que será tratado em aula.

O grande objetivo educacional está em preparar os alunos para que compreendam essas manifestações da cultura corporal e que não se deixem manipular pelos exageros da imprensa e da publicidade; para que aprendam a ler as entrelinhas das notícias, dos discursos, da publicidade enganosa, para que não sejam manipulados e possam escolher o que eles, realmente, querem fazer, já que contam com um suporte educacional que lhes permite ter autonomia e responsabilidade nas escolhas.

A responsabilidade do currículo de Formação Profissional do professor

O Currículo de Formação Profissional do professor de Educação Física deve conter nas Ementas de cada disciplina a sua contribuição na formação da cidadania soberana dos alunos nas Escolas. Uma visão Sociocultural ou Multicultural da área.

Porém, o tipo de avaliação que é utilizado, atualmente, está ancorado nas Ciências Biológicas e Comportamentais. A maioria das publicações sobre avaliação da área de Educação Física fundamentam-se na pesquisa aplicada, isto é, orientadas a resolver um problema específico. E, não há registros sobre pesquisas de avaliação nas pesquisas básicas, isto é, na produção de conhecimentos.

Acredito que ali, justamente, esteja o medular do problema da avaliação. Isto, porque não há questionamentos sobre as avaliações que respondam as perguntas cruciais, como por exemplo: Por que tenho que avaliar? O que estou avaliando? Para que estou avaliando? É adequado meu método de avaliação? Que procuro com essa avaliação? Qual é a minha preparação para avaliar? Enfim, perguntas que não são parte da pesquisa aplicada.

É assim que nos enfrentamos com um problema multifatorial que nos obriga a repensar nossa formação profissional, que é onde se inicia o problema. Nossa formação profissional é técnica, em grande parte. Aprendemos a avaliar de acordo com a forma em que fomos avaliados, seja na escola ou na universidade.

Nas avaliações práticas utilizamos testes físicos y testes comparativos de execução de habilidades (principalmente esportivas). Avaliações que foram refinando-se com o tempo, no entanto, todas as avaliações são “individuais” e são fundamentadas nos Aspectos Biológicos (avaliação quantitativa) ou nos

Aspectos do Comportamento Motor, originários das Ciências Médicas e da Psicologia (avaliação quantitativa e qualitativa).

Hoje, é outro o paradigma de orientação dos conteúdos e conhecimento de nossa area, e corresponde aos Aspectos socioculturais, provenientes das Ciências Humanas e da Educação.

Aqui, no Brasil, há apenas dois artigos que falam de avaliação coletiva um de Pérez Gallardo (1998) e outro de Pérez Gallardo J. e Paoliello E. (1999).

Mas, essas propostas de avaliação contemplam apenas os elementos correspondentes à “Capacitação”, não está contemplada a avaliação da “Formação Humana”, que é o principal objetivo de orientação dos Aspectos Socioculturais. Os conceitos de Capacitação e Formação Humana são de Humberto Maturana e Nissis de Rezepka (1995).

Daí que a minha exposição estará centrada na avaliação coletiva focalizando e valorizando a Formação Humana.

Previamente, é necessário definir alguns conceitos:

Que é a Ginástica Para Todos com orientação pedagógica?

É um processo de construção livre, criativo e coletivo na elaboração de um trabalho, em que os integrantes do grupo interpretam o sentir coletivo, por meio de uma mensagem que eles outorgam ao seu trabalho. Mensagem que é dada a conhecer a sua coletividade, numa apresentação em que cada integrante entrega o melhor de si mesmo, em benefício do seu grupo. Para isso, podem utilizar diferentes recursos e materiais para potencializar a mensagem que eles querem transmitir.

A Avaliação da Educação Física Escolar

Segundo Rozengardt (2005, p. 40 – 44) “Avaliar é conferir valor a uma informação ou a um conjunto de dados. Deve garantir a aprendizagem dos conteúdos estabelecidos e desenvolver atitudes pessoais no relacionamento com os demais”.

A avaliação, nesta proposta, é uma avaliação coletiva, ou seja, todos os alunos devem receber a mesma nota, independentemente, do tipo de trabalho realizado por cada aluno. Visto que não é responsabilidade do professor indicar os papéis que cada um tem dentro do trabalho coletivo, nem é quem deve fiscalizar quem trabalhou ou não. É o grupo o responsável por permitir indivíduos que não estejam comprometidos com o trabalho. Agora, é fundamental que o professor, ao detectar esse tipo de falta de comprometimento, interrompa a aula

e mostre que a formação de uma cidadania responsável é de responsabilidade de todos e não apenas do professor ou da escola.

Qual é o papel da Educação Física na Escola?

Socializar o conhecimento universalmente produzido no âmbito do conhecimento da cultura corporal, ao qual o aluno tem direito.

O aluno tem o direito de conhecer e compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, produzidas ao longo da história.

Conhecer a evolução da sua cultura patrimonial, vivenciar esse património e ser capaz de se apropriar de outras manifestações culturais, evitando ou eliminando a substituição da cultura patrimonial pela cultura hegemónica.

Qual é o papel do professor de Educação Física nesta proposta?

É fundamental que as instituições de Educação Superior façam jus aos objetivos da Universidade e preparar pesquisadores. Na área pedagógica, os professores devem ser pesquisadores de seus respectivos campos de intervenção. No caso da Educação Física escolar e comunitária, o seu campo de conhecimento são as diferentes manifestações da Cultura Corporal, que fazem parte dos diferentes grupos sociais. Tratando esses conhecimentos sob uma perspectiva histórica, psicológica, social e cognitiva, e em sua competência para serem introduzidos no currículo escolar os saberes da população, o que se denomina “pedagogizar” ou socializar as manifestações da cultura corporal no currículo escolar em níveis crescentes de complexidade.

Como deve ser vista a Educação Física na escola?

Deve ser tratada com o mesmo valor das outras disciplinas, porque ela é ideal para a construção da cidadania soberana, já que o corpo de conhecimentos da Educação Física escolar e comunitária está constituído pelas diferentes manifestações da cultura corporal que é o capital patrimonial do país. Essas manifestações têm que ser vistas, analisadas e vivenciadas na Escola. Obviamente, de forma sistemática e organizada em níveis de complexidade. Por exemplo, na Educação Infantil, o conhecimento deve ser extraído das manifestações lúdico recreativas do grupo familiar, a partir da indagação com os pais e avós sobre qual foi a sua cultura lúdica infantil, e escolher aquelas mais relevantes para serem aplicadas e diversificadas pelos alunos e professores. Isto se denomina capital cultural do patrimônio lúdico familiar.

A experiência como docente ministrando disciplinas da linha escolar (educação infantil, ensino básico e médio) permitiu estruturar um currículo para ser aplicado na escola, baseado nas manifestações da cultura corporal.

A proposta curricular para o Ensino Fundamental se destina à vivência das diferentes manifestações da cultura corporal, iniciando pela cultura patrimonial (as diferentes manifestações da cultura corporal dos povos originários e da cultura folclórica --aquela que representa uma determinada localidade), nas quatro primeiras séries, e as manifestações da cultura popular (daquelas manifestações da cultura corporal que os alunos praticam e consomem em seu dia a dia), de quinto ao oitavo ano.

A cultura originária e a folclórica apresentam algumas diferenças: a cultura originária é aquela que ainda tem vestígios dos povos originários; a cultura folclórica está formada por transculturações. A cultura folclórica está constituída por interpretações de transculturações e a mistura de culturas espanholas, portuguesas com a nativa. Cria manifestações próprias que representam uma determinada região que se denomina folclore.

Na proposta curricular para o primeiro ciclo (de 1ª a 4ª série), o conteúdo é a cultura patrimonial dos jogos e brincadeiras, das danças, dos esportes, das lutas, das manifestações folclóricas, tais como mitos, lendas, expressões religiosas etc. que se distribuem em quatro bimestres: Jogos e Brincadeiras, Danças, esportes e manifestações teatrais e circenses. Os outros conteúdos são sobre ginástica formativa, conhecimentos sobre o corpo etc. e são tratados de forma transversal em todos os ciclos. Na forma de seminários, em que os alunos pesquisam essas manifestações e logo, junto com o professor escolhem as que o grupo considera mais importantes. É agora, que o professor entra como pesquisador, das manifestações escolhidas, da sua história e suas transformações, desvendando os códigos simbólicos ocultos nessas manifestações e logo fazendo a vivência dos conteúdos escolhidos.

A distribuição dos conteúdos, no programa, inicia-se na 1ª série, com a cultura patrimonial local (incluindo a cultura da família). Na segunda série, se utiliza a cultura patrimonial da região, por exemplo, a do Estado de São Paulo. Na terceira série, analisa-se a cultura patrimonial do Brasil, e, finalmente, na quarta série, a cultura patrimonial da América Latina.

No segundo ciclo (5ª a 8ª série), analisam-se as manifestações da cultura corporal popular (a cultura que é produzida e consumida pelos alunos adolescentes). Utilizando-se a mesma metodologia anterior: iniciando primeiro pela cultura popular local, a seguir, a da região, logo, a do país e, finalmente, a cultura popular internacional.

Os conteúdos variam muito de região para região, assim, é possível incorporar ao currículo o Parkour, Skate, Mountain bike e seus derivados; Street basquetebol, Free Style Soccer etc.

Todas essas manifestações devem ser vistas na escola, discutidas e analisadas. Vivenciadas com discussão. A diferença está, de primeira à quarta, em que o professor leva à fundamentação; de quinta a oitava, como é o aluno que produz, o professor tem que entrar com a discussão. Com o diálogo, para que os alunos percebam os códigos pelos quais essas manifestações se estruturaram e fiquem sabendo, muito bem, do porquê delas. Isso é educação. Educar o aluno e não treiná-lo. O treino é para saber fazer; a educação é para saber o porquê se faz.

Os códigos simbólicos estão, por exemplo, na dança da garrafa, na pega na bundinha e todas essas coisas. O aluno deve saber qual é o espaço onde essas manifestações podem ser expressas. Deve saber o porquê fazer. Quem coloca esse conhecimento para as crianças? Quais são os motivos e interesses dos meios de comunicação? É assim que se forma o cidadão soberano?

Recentemente, apareceu a Nona série, nesta série o aluno se encontra em plena adolescência, seu cartão de visitas é seu corpo, então a grande sacada é lhes ensinar a preparar seu próprio corpo. Os conteúdos sobre os diferentes sistemas de condicionamento físico e os cuidados com seu corpo são os ideais, para que eles de forma autônoma e em pequenos grupos construam seus programas de condicionamento físico. Trabalhos aeróbicos, treinamento da resistência, da força, da flexibilidade etc. Trabalho em circuito, trabalho com pesos etc. são os conteúdos que devem ser desenvolvidos nesta série.

No primeiro semestre, devem ser desenvolvidos todos os programas de condicionamento físico geral, onde o professor faz aulas práticas expositivas, mostrando aos seus alunos os diferentes sistemas e formas de trabalho. Os alunos em pequenos grupos desenvolvem seus próprios programas, com registro, para ser discutido, com seu professor, o andamento de cada programa na aula de educação física.

O segundo semestre está destinado ao condicionamento físico específico, da modalidade que cada aluno pratica, formando pequenos grupos de interesse (por modalidade esportiva ou artístico/circense), para que eles saibam diferenciar o geral e o específico.

O Ensino Médio está destinado à formação e transformação do aluno em agente sociocultural. O conteúdo para este ciclo são os conhecimentos de liderança na formação de líderes comunitários, noções de treinamento desportivo, de organização de eventos, campeonatos, festivais etc. Já que o objetivo é que o aluno assuma as atividades extra aulas como monitor. Inicialmente, é ajudante, e depois, passa a ser o monitor. Esta ideia surgiu das

atividades de extensão, em que os monitores responsáveis tinham que ensinar a serem monitores aos alunos interessados nas práticas, que eu coordenava.

Nas aulas de educação física, o aluno se apropria dos conhecimentos, e logo faz um estágio como auxiliar de monitor nas atividades extra aulas, na escola ou nos locais da comunidade, próximos à escola. A lógica é que no primeiro ano o aluno auxilia nas atividades extra aulas. Na aula de educação física se discutem os problemas e possíveis soluções, entre todos os alunos da turma, e se volta à prática. Na segunda série, assume como monitor nas atividades extra aulas, e, no terceiro, assume as atividades com a comunidade escolar (professores, funcionários, com os pais, familiares e a vizinhança).

Então são os alunos que vão se autoformando. É a grande diferença com a escola tradicional: da construção dentro da escola do cidadão obreiro, passa-se à formação do cidadão soberano, livre, que sabe o que tem de fazer, porque já possui toda a experiência e vivência. Então, essa é justamente a proposta da Ginástica Geral no âmbito escolar. Cristaliza-se aí.

A tarefa do professor é pesquisar junto com os seus alunos essas manifestações culturais: os alunos (individualmente ou em pequenos grupos), primeiramente, pesquisam as manifestações que correspondem as suas séries, e logo, junto com o seu professor escolhem aquelas que são consideradas mais relevantes para o grupo.

Nossa proposta

O objetivo da disciplina de Educação Física para o Ensino Básico e Medio é contribuir para a formação da cidadania livre e soberana dos alunos, permitindo-lhes apropriar-se de todas as Manifestações da Cultura Corporal (Jogos e Brincadeiras, Danças, Desportos e Elementos de Música, Artes Plásticas e Cênicas do patrimônio e da cultura popular), analisadas de forma historicamente crítica, para que possam utilizá-las de acordo com seus interesses e com conhecimento dos códigos simbólicos que os organizam e estruturam, especialmente seus códigos ocultos.

GEIEFE https://www.instagram.com/geiefe_ubb/

Alguns pressupostos epistemológicos

Toda disciplina escolar, e especialmente a Educação Física, pelas suas características dinâmicas, deve estar vinculada à formação da cidadania soberana dos estudantes e à socialização do conhecimento da cultura corporal. Na perspectiva Sociocultural, a cultura corporal é apenas um meio para alcançar a concepção de cidadania que o professor possui.

É fundamental para qualquer professor, inclusive o professor de Educação Física, saber qual é o seu papel dentro do ambiente escolar e o papel da Escola.

Por isso, é fundamental que o professor saiba atuar no ambiente escolar, como educador e técnico. Como educador o objetivo é a construção da cidadania em e com seus alunos. Como técnico, é o domínio das diferentes metodologias que facilitam a apropriação da cultura corporal de seus alunos.

Quais são as diferenças entre um educador e um técnico?

As diferenças encontram-se nas informações que cada um dá aos seus alunos e no método que utiliza para atingir os seus objetivos.

Para o técnico, o importante é que o aluno obtenha principalmente o domínio dos códigos técnicos ou de execução dos conteúdos que fazem parte da Educação Física Escolar. Para o educador, o importante é que o aluno obtenha principalmente um domínio conceitual dos conteúdos que fazem parte da Educação Física Escolar.

Essa diferenciação se deve ao fato de que a cultura corporal possui uma variedade de informações (códigos simbólicos internos ou ocultos) que orientam e estruturam seu uso e que é necessário esclarecê-las e identificá-las para que os alunos possam utilizá-las de forma consciente. Códigos de poder ou hierarquia, de Género, Políticos, Geográficos, Históricos, entre muitos outros, estão envolvidos em todas as manifestações culturais.

Dentro dos códigos técnicos ou de execução estão os de submissão, obediência, respeito às regras ou leis, entre outros. Dentro dos códigos educacionais estão a tolerância, a aceitação, a empatia, o acolhimento, o respeito ao próximo, entre outros.

Então, a quantidade de códigos e a qualidade da informação que o profissional oferece aos seus alunos lhes permitirá construir um conceito de cidadania. Agora, de qual tipo de cidadania? O cidadão operário? O cidadão funcionário? Ou o cidadão livre e soberano?

Obviamente, o Educador pode revelar mais códigos que o técnico; porém, o que verdadeiramente é a sua responsabilidade é a vinculação das informações oferecidas em aula com as experiências de vida de seus alunos (Relevância) e a instigação motivacional para que os Alunos utilizem esse conhecimento em seu ambiente físico e social (Transcendência).

Multiculturalismo

As sociedades contemporâneas são heterogêneas graças, por exemplo, aos movimentos populacionais, devido às guerras, aos espaços de trabalho, ao

rápido desenvolvimento dos meios de comunicação, entre outros, que levaram à transformação das relações humanas.

Esses movimentos consolidaram novas estruturas de espaços sociais e grupos diversificados, portadores de culturas próprias e de problemas inerentes à inserção social.

Diante desse problema, a nova ordem mundial necessita de uma configuração educacional que contemple essa sociedade multicultural.

Por outro lado, as diferenças e diversidades, que caracterizam o multiculturalismo, tornaram-se questões essenciais para as teorias críticas da educação.

Consequentemente, o “multiculturalismo” é entendido como as estratégias e políticas adotadas para abordar e gerenciar os problemas causados pela diversidade das sociedades multiculturais.

A escola plural é o lugar apropriado para o conhecimento, aproximação e valorização do que é diferente. Acreditamos que é importante destacar que o multiculturalismo é um termo qualificativo que se refere aos problemas de governação de qualquer sociedade, em que diferentes comunidades culturais tentam coexistir e construir algo em comum, mantendo concomitantemente algo original. (NEIRA e NUNES, 2008).

Quadros de sínteses

Aspectos Biológicos das Ciências Médicas	
O conjunto de suas disciplinas:	Biologia, Anatomia, Fisiologia, Nutrição, entre outras
Objeto de estudo:	“Condicionamento Físico”
Paradigma de Orientação:	Controle/Energia
Função deste conhecimento:	Conhecimento que permite ao professor regular e adaptar a intensidade das ações motoras que irá oferecer aos seus alunos.
Característica do Professor:	Preparador Físico (revela códigos de higiene sanitária)
Visão do aluno:	Visto como objeto. É uma visão interna do corpo que analisa os sistemas orgânicos que produzem e consomem energia. Formação do cidadão operário.
Forma de avaliar o aluno:	Individual, Produto da orientação filosófica dos séculos XVII e XIX: Higienista e Eugenista. Para aumentar a produção.
Instrumentos de medição:	Eugênicos da indústria, da agricultura, militar e da religião

Aspectos do Comportamento Motor, originários das Ciências Médicas e da Psicologia:	
O conjunto de suas disciplinas:	Maturação, Crescimento, Biomecânica, Desenvolvimento e Aprendizagem Motora, entre outras
Objeto de estudo:	“Processos internos ou mentais de aprendizagem de habilidades motoras”
Paradigma de Orientação:	Controle/Informação
Função deste conhecimento:	Conhecimento que possibilita ao professor adequar o grau de complexidade das ações motoras de acordo com o nível de desenvolvimento do aluno.
Característica do Professor:	Treinador Técnico (revela códigos técnicos e táticos, principalmente, esportivos).
Visão do aluno:	Como objeto. É uma visão interna que enfoca o funcionamento do SNC como sistema de processamento de informações, onde é inferida a partir da observação do comportamento na execução de habilidades motoras. Formação do funcionário público.
Forma de avaliar o aluno:	Individual. Produto da orientação filosófica dos séculos XX e XXI: Capitalista (ganhar, ser o melhor, o campeão).
Instrumentos de medição:	Tabelas de comparação com modelos de alta performance

Aspectos socioculturais, provenientes das Ciências Humanas e da Educação:	
O conjunto de suas disciplinas:	História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, entre outras.
Objeto de estudo:	“Processos internos ou mentais de aprendizagem de habilidades motoras”
Paradigma de Orientação:	“As variáveis do ambiente físico e social que intervêm na apropriação dos conteúdos da cultura corporal”
Função deste conhecimento:	Conhecimento que permite ao professor identificar uma série de variáveis do ambiente físico e social que afetam o desenvolvimento do aluno e o grau de apropriação do conhecimento.
Característica do Professor:	Educador (revela códigos simbólicos que estão ocultos nas manifestações culturais e

	estabelece vínculos com o conhecimento do aluno).
Visão do aluno:	Como ser cultural, é uma visão externa, como ser humano inserido em sua dinâmica grupal e social. Formação da cidadania livre e soberana.
Forma de avaliar o aluno:	Coletivamente. Influenciado pelas orientações sociológicas e filosóficas: Multiculturalismo crítico (acolhe as diferenças e vê a importância e o valor de cada cultura).
Instrumentos de medição:	Câmeras fotográficas; Filmadoras; Entrevistas: Observadores do comportamento.

A experiência do Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) e das disciplinas ministradas na FEF/UNICAMP na construção de trabalhos coletivos.

Em meus 24 anos como professor na FEF/UNICAMP, tive a oportunidade de ministrar várias disciplinas do currículo de preparação profissional do futuro professor de Educação Física, sendo as mais importantes: MH. 501- “Educação Física Escolar I”; MH 502 – “Educação Motora II”; MH. 304 - “Pedagogia do Movimento II; EF 943 – “Tópicos Especiais em Educação Física – Danças Folclóricas, Populares y de Salão I”; EF 212 – “Ritmo y Expressão”, no ensino diurno e noturno. Em todas elas se aplicou a avaliação coletiva tanto na parte teórica quanto na parte prática.

Agora, a grande sacada era que o nosso objetivo não estava no movimento humano. O nosso objetivo estava na “gestualidade”. Isto é, o objeto de estudo da Educação Física escolar é, na verdade, o “gesto”. O que pode ou não ter movimento; porém tem um forte poder comunicativo.

Um dos integrantes do meu grupo de estudos e pesquisa em educação física escolar (GEPEFE), Marcos Neira (professor da Faculdade de Educação da USP), que veio fazer o pós-doutorado comigo; percebeu que era possível dar “voz” aos alunos para que eles pudessem, através dos conhecimentos da ginástica, utilizar-se dos movimentos para expressarem ideias, sentimentos e emoções, nas composições coreográficas das aulas de educação física. Então, isso foi muito interessante, porque apresenta uma mudança de área: da área da medicina para a área da educação.

A ideia principal era a construção coletiva do conhecimento, que nos coloca imediatamente em oposição a todas as metodologias tradicionais da ginástica. A ginástica tradicional tem uma metodologia criada por um técnico, por exemplo, a metodologia do grupo de Suíça. Ela já tem um objetivo a ser trabalhado, ou seja, há um plano para trabalhar esse corpo, esse ser humano que

vai ser, vamos dizer, alvo da intervenção. Aqui não, a ideia é começar pelo oposto, isto é, ver que conhecimentos, que experiência de vida trazem os alunos. Utilizamos essas manifestações culturais, introduzindo a parte gímnica; mas, pesquisando e interpretando o nosso sentir em cada uma dessas coisas, integrando-as ao nosso conhecimento. Principalmente valorizando a cultura de base e de origem do aluno, sobretudo, onde justamente se estruturou.

E, havia outra coisa, a cultura é do grupo social e por tanto a produção cultural dos alunos tinha que ser avaliada coletivamente. Daí que o desafio foi construir as formas de avaliar uma composição. A avaliação tinha que ser coletiva, não podia ser individual, porque o trabalho era de criatividade conjunta.

Considero que é um dever do professor universitário com consciência social, prestar conta para a comunidade, de como se está utilizando seu dinheiro. Para isto, criamos os festivais, com a ideia de mostrar o que a gente fazia na Universidade, e de estimular os professores com as nossas pesquisas, mostrando para eles um banco de ideias.

O que interessou às pessoas foi a possibilidade de descoberta e de construção conjunta do conhecimento. Essa é a outra possibilidade que nos coloca num lado diferente das outras linhas de ginástica, que já têm uma ideia preconcebida de como formar à pessoa. Aqui não, cada um vai se formando e vai crescendo de acordo com os seus desejos e anseios.

Essa possibilidade permitiu que quando se estruturou a Ginástica Geral na FEF, com essas características, muitos participantes do GGU e do GEGFEF encontraram novos caminhos. Uns foram para o circo, outros para o acrobático, para o malabarismo, para a dança.

No Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) e no Grupo de Ginástica da Faculdades de Educação Física (GGFEF), a vivência e a experimentação foram independentemente da exigência do domínio técnico. Porque se você gosta, corre atrás da técnica. Essa característica permitiu delimitar o papel do professor na escola. Na escola, o professor oferece a vivência de múltiplas manifestações da cultura corporal. No espaço extraclasse o professor deve ofertar a técnica das manifestações da cultura corporal que foram escolhidas pelos alunos, oferecendo a técnica num espaço que denominamos de “prática” e deve oferecer oportunidades para aqueles alunos que gostam de ir mais longe (alto rendimento esportivo ou artístico). É assim que ofertamos o espaço para “treinamento”. Com essa delimitação fica definido o papel do professor na escola.

O papel da escola é formar o cidadão, esse é seu objetivo central; mas, essa formação deve tender para a autonomia e a autopoieses (reconstrução) do aluno, permitir que o aluno faça sua própria construção.

Essa postura epistemológica se contrapõe à formação do cidadão operário ou funcionário da escola dos dias de hoje. Dali, se depreende uma postura política, já que com nossas ideias e métodos queremos formar o cidadão libertário, o pensador, o crítico, livre e criativo e não o cidadão submisso. É por isso que causamos tanto impacto em todos os lugares.

Em relação à minha participação, a minha contribuição dentro da ginástica é a orientação pedagógica, a construção do aluno soberano na escola. É essa a metodologia que utilizei nas diferentes disciplinas que ministrei na FEF, para que os futuros professores tivessem ferramentas metodológicas para formar esse cidadão soberano na escola. Que nosso aluno da FEF tivesse o instrumento para fazer o que ele quisesse fazer, com autonomia e responsabilidade.

Depois os grupos se reuniam e trocavam os conhecimentos, para finalmente estruturar um trabalho grupal com o material coletado.

Era interessante, porque em todas as minhas disciplinas, ao final de cada aula, os alunos tinham que construir um trabalho coletivo utilizando o tema da aula e adicionando os conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores. Esta experiência de fazer pequenas composições no final de cada aula, durante todo o semestre, foi excelente. Os alunos chegavam com muita experiência ao final do semestre, quando tinham que construir uma composição final que era apresentada e avaliada nos festivais da FEF.

Mas a gente já trabalhava com isso, esse era o ponto a favor que a gente tinha. E a parte interessante é que já não trabalhávamos, por exemplo, a luta com o objetivo de dominar técnicas de luta, se não as manifestações da luta; porém, dialogando com outras manifestações, com as outras artes.

A incorporação das artes cênicas, plásticas e musicais era parte das disciplinas que ministrei na FEF, nas disciplinas de Pedagogia do Movimento (Educação Física infantil e Ensino Fundamental, na disciplina de Ginástica Geral).

Por exemplo, nas artes cênicas iniciamos com a criação de contos, que logo eram colocados em cena com bonecos de dedos, e logo os alunos assumiram os diferentes papéis feitos pelos bonecos de dedos. Então, era uma forma de entrar no mundo da fantasia, para contar histórias a crianças pequenas. Inclusive comprei um monte de máscaras que não sei se ainda estão, essas com caras de diferentes animais. É que íamos fazer uma coreografia com elas, mas que nunca foi feita, mas tudo bem.

A ideia era utilizar todas as manifestações culturais, dentro dos 15 encontros da disciplina, para chegar finalmente à parte da construção de uma composição coreográfica para ser apresentada no festival, onde era avaliada.

Uma coisa interessante, eu não sabia qual era a coreografia que os alunos iriam apresentar, já que eles dispunham de uma aula para a construção dessa coreografia. Quando a coreografia estava pronta os alunos me chamavam

e somente então a composição era apresentada para avaliação. O motivo disso era que na pauta de avaliação há um ponto por impacto ou novidade, e se eu estivesse presente, obviamente não teria o mesmo impacto, pois já tinha visto o trabalho.

A pauta de avaliação foi construída assim, demos três pontos para a técnica (quando o elemento apresentado requer técnica) e sete pontos para a construção coreográfica. Assim não penalizamos as pessoas por não terem técnica e se premiava a participação coletiva e a criatividade.

Essa foi a minha contribuição, na FEF, sobre a Ginástica Geral. No entanto, tudo isso se plasmou de forma concreta na graduação. Aí se trabalharam as disciplinas pensando em formar o aluno pesquisador, esse é o ponto principal. Não entra na minha cabeça que um aluno universitário não seja formado para ser pesquisador.

Assim foi na disciplina de Dança que fizemos com Andressa (Ugaya). Essa disciplina foi estruturada para formar o aluno como pesquisador e não como dançarino. Essa disciplina estava constituída por seminários, em que os alunos, em pequenos grupos, tinham que pesquisar uma dança específica. Para isso, fizemos dois seminários modelos, um, eu, e, o outro, Andresa.

Como a disciplina tinha 15 encontros, deixamos o primeiro para apresentar a disciplina e para formar os grupos de pesquisa; deixamos dois encontros para que os alunos fizessem experiências práticas de movimento que poderiam ser aplicadas na parte prática dos seminários dos alunos. Nesses dois encontros práticos havia que vivenciar todas as possíveis combinações que existem na dança. O que de comum têm as danças? Os giros e rodopios. Por exemplo, no Hip Hop tem um giro de cabeça.

No primeiro encontro prático vimos todas as formas possíveis de girar e de fazer rodopios (em diferentes posições: deitado, sentado, em quadrupedia, em pé; de forma individual, em duplas, trios, até chegar ao grande grupo). No segundo encontro, vimos as diferentes formas de interação em duplas, trios, quartetos e no grande grupo. Toda essa experiência deveria servir para dançar qualquer dança.

Depois, fazíamos um encontro demonstrativo com os seminários de modelo, para mostrar aos alunos como deveriam ser os seminários. Um dado por mim, geralmente uma dança em pares, e o segundo, por Andresa, com uma dança coletiva, geralmente utilizava uma dança circular,

Depois distribuimos as danças em três blocos: um para as danças originárias e folclóricas; outro, para as danças populares, e um terceiro, para as danças acadêmicas ou de competição. Tínhamos um listado para cada um dos blocos, e se os alunos queriam escolher outra dança que não aparecia no listado, mas pertencia ao bloco, permitia-se.

No seminário, os alunos tinham que apresentar o histórico da dança, analisar os códigos simbólicos ocultos na dança. Logo, deviam fazer uma vivência da dança, utilizando as suas experiências e o que tinham visto nos dois encontros práticos preparatórios. E logo após, conhecer muito bem a dança, todos os alunos em pequenos grupos tinham que fazer uma reinterpretação da dança.

A aula finalizava com a apresentação dos grupos. Por exemplo, a Catira se reinterpretou por meio de minitrampolins. Coisas muito criativas, muito ricas e com uma enorme quantidade de ideias. Essa era a contribuição da disciplina.

Da experiência ministrando essas disciplinas e dos encontros com meu grupo de estudos surgiu uma proposta curricular para ser aplicada nas escolas de América Latina, baseado nas manifestações da cultura corporal.

Nessa proposta curricular, as manifestações culturais lúdicas da família eram parte do conteúdo curricular da Educação Infantil. Elas devem ser analisadas, resgatadas e pedagogizadas, para que as crianças brinquem e sintam as mesmas sensações lúdicas que oferecem os brinquedos que utilizaram seus pais, avós, tataravós. Com isso, vincula-se a experiência emocional do fazer, com toda a sua família, o que dá esse sentimento de pertença. Por isso, a pesquisa deve ser com a família e o grupo familiar do aluno. Assim a criança constrói sua individualidade, que é a característica do brasileiro, do chileno; e essa se constrói no entorno cultural e social do grupo familiar. É o meio ambiente que vai se formando e estruturando. Isso é o que eu queria resgatar e foi aplicado em vários jardins infantis.

No livro “Gimnasia Rítmica Formativa: una propuesta Pedagógica para la Educación Física Escolar” (Pérez Gallardo e Linsmayer Gutierrez, 2015), mostramos a metodologia da disciplina de Ginástica Geral que eu ministrava na FEF e como essa disciplina estava organizada, seus conhecimentos e formas de organizar o programa e a construção e avaliação das composições coreográficas. E, coloquei também a experiência da disciplina de dança em que utilizei a mesma metodologia, porque se você tira a dança e coloca jogos, pode seguir a mesma estrutura. Com as lutas é a mesma coisa. Já que o importante é que o aluno aprenda a ser pesquisador e professor e não apenas um técnico.

Fundamentos de uma Pauta de Avaliação de Composições Coreográficas de Ginástica Para Todos com orientação Pedagógica

Significado e compreensão dos temas: composição e execução e seus respectivos itens de avaliação, segundo a perspectiva da Ginástica Para Todos, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - SP - Brasil.

Por tratar-se de uma forma particular de observação e compreensão da GPT, torna-se necessário à explicitação de nosso entendimento sobre cada um dos itens contemplados na pauta de avaliação:

Composição:

A Composição é um processo de construção coletiva, livre e criativa de uma coreografia, onde são escolhidos e utilizados os elementos conhecidos e vivenciados durante um curso de Ginástica Para Todos na FEF/Unicamp.

Execução:

A Execução é a demonstração prática do resultado do processo de construção e amadurecimento de uma coreografia. É a expressão corporal que reflete, naquele momento, o domínio das técnicas e táticas de utilização dos conteúdos num curso de Ginástica Para Todos.

Esses dois aspectos estão intimamente relacionados, por exemplo: a composição demonstrada através da execução pode sofrer alterações, dependendo do domínio das técnicas e táticas, assim como das contingências do momento da apresentação, podendo interferir na representação ideal da composição.

Com base na perspectiva educacional que fundamenta nossa proposta, outorgamos um peso maior a composição, visto que ela reflete todo um processo de organização e de vivência de valores de convívio social, característicos da abordagem pedagógica de Ginástica Para Todos veiculada pelo Grupo de Pesquisa “Grupo Ginástico Unicamp”.

A execução neste instrumento de avaliação, recebe um peso menor; mas, de suma importância na apresentação do produto resultante do processo de composição. Para nossa proposta de Ginástica Para Todos, o mais relevante é a vivência dos valores humanos durante a elaboração de um trabalho coreográfico. Isto não significa desvalorizar a técnica, pelo contrário, é por meio dela que são possíveis melhores execuções e, portanto, maiores possibilidades de participar e de contribuir como indivíduo num trabalho grupal.

Definição dos Itens Correspondentes à Composição:

1. Utilização dos conteúdos da cultura corporal desenvolvidos nos Cursos de Ginástica Para Todos.

As diferentes formas da Ginástica: Ginástica Natural; Ginástica Construída ou Localizada; Ginástica Aeróbica; Ginástica Artística; Ginástica Acrobática; Ginástica Rítmica Desportiva, entre outras.

Jogos e ou brincadeiras: populares e/ou folclóricos, sejam eles de origem local, regional, nacional ou internacional.

Esportes: individuais e coletivos.

Lutas: nacionais (Capoeira), internacionais (Karatê, Esgrima, Judô etc.).

Danças: populares, folclóricas, contemporâneas e/ou clássicas

Experiências de vida: experiências que o aluno adquire dentro de seu próprio ambiente e que possam ser integradas enriquecendo o trabalho grupal.

Elementos das Artes Musicais, tais como: utilização de elementos rítmicos, melódicos e de interpretação do sentido e significado da música. Utilização de variáveis do pulso da música: trabalho no pulso da música, no dobro do pulso, na metade do pulso etc.

Elementos das Artes Cênicas tais como: teatralizações de jogos, esportes, fatos de vida real, fatos da imaginação, emoções, mímica, imitações, artes circenses (malabarismos, equilibrismos, etc.).

Elementos das Artes Plásticas tais como: confecção de vestuário, de implementos que facilitem a representação (materiais tradicionais e/ou alternativos da ginástica, dos esportes e do cotidiano), cenários, disfarces, máscaras, etc.

Observação: É importante ressaltar que a maioria dos conteúdos acima descritos devem ser contemplados numa composição coreográfica, para evitar a monotonia e a limitação da riqueza de recursos da Educação Física. Esses conteúdos devem ser mostrados de forma integrada, com a utilização de uma temática de livre escolha dos alunos, utilizando elementos que potencializem a mensagem que eles querem comunicar e que os representem, escolhidos segundo o consenso do grupo e tendo como base a Ginástica.

Pauta para avaliação de composições coreográficas de Ginástica Para Todos (GPT)

Grupo: _____ Data: _____

A. EM RELAÇÃO À COMPOSIÇÃO

1. Utilização dos conteúdos de cultura corporal desenvolvidos nas aulas do GRF

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

2. Explorações de variações de movimento (conteúdos)

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

3. Exploração dos diferentes tipos de organização no trabalho coletivo

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

4. Utilização de diferentes formações coreográficas

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

5. Diferentes maneiras de usar música:

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

6. Diferentes aspectos que devem aparecer no trabalho:

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

7. Originalidade (fator surpresa).

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

B. SOBRE A EXECUÇÃO

1. Técnica.

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

2. Harmonia música/movimento

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

3. Comunicação com o público

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Total da Composição: _____ Total da Execução: _____ Nota Final: _____

Descontos na nota final: _____ Nota Final: _____

Lista dos integrantes

N.º	Nome	RN
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		
15		

Principais elementos de desconto pela interpretação

Falta de seriedade no trabalho: risadas fora de contexto; interações fora do contexto

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Sair de cena: Falta de interpretação, esquecimento ou não comprometimento com o tema que está ensinando

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Atitudes de desligamento: Comer chiclete; pentear o cabelo; arrumar as roupas

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Amplificar os erros

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Esquecimentos

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Omissão de elementos: Entrada e finalização desorganizada; sem alternância rítmica; sem tema

0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00
------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

Total de descontos: _____

BIBLIOGRAFIA

- MATURANA, H.; DE REZEPKA, N. (1995). Formación Humana y Capacitación. Dolmen Ediciones. Santiago-Chile.
- NEIRA, M. e NUNES, M. (2006). Pedagogia da cultura corporal: critica e alternativas. Phorte Editora, São Paulo.
- PEREZ GALLARDO, J. (1988). Preparação profissional em Educação Física: um estudo dos currículos das Escolas de Educação Física do Estado de São Paulo e sua relação com a Educação Física na Pré-escola e quatro primeiras séries do Ensino de Primeiro Grau. Dissertação de Mestrado apresentada na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP).
- PEREZ GALLARDO, J. (1998). "Critérios de avaliação de Composições Coreográficas desenvolvidas em cursos de Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp - Brasil". I Congresso Latino-Americano de Educação Motora y II Congresso Brasileiro de Educação Motora, Foz do Iguaçu - PR, Brasil, outubro de 1998, (pág. 608).
- PEREZ GALLARDO, J; PAOLIELLO, E. (1999). "Critérios de avaliação de composições coreográficas desenvolvidas em cursos de ginástica geral da Faculdade de Educação Física da UNICAMP" Fórum Internacional de Gimnasia General. Responsabilidad compartida con la Profa. Elizabeth Paoliello Machado de Souza. Campinas-SP, Brasil.
- PÉREZ GALLARDO, J; LINZMAYER GUTIERREZ, L. (2018). GIMNASIA RÍTMICA FORMATIVA: una propuesta pedagógica para la Educación Física Escolar. Ediciones Universidad del Bio-Bío, Chillan, Chile
- ROZEGARDT, R. (2005). Avaliação. In Dicionário crítico de Educação Física. Editora Unijui. Brasil.